

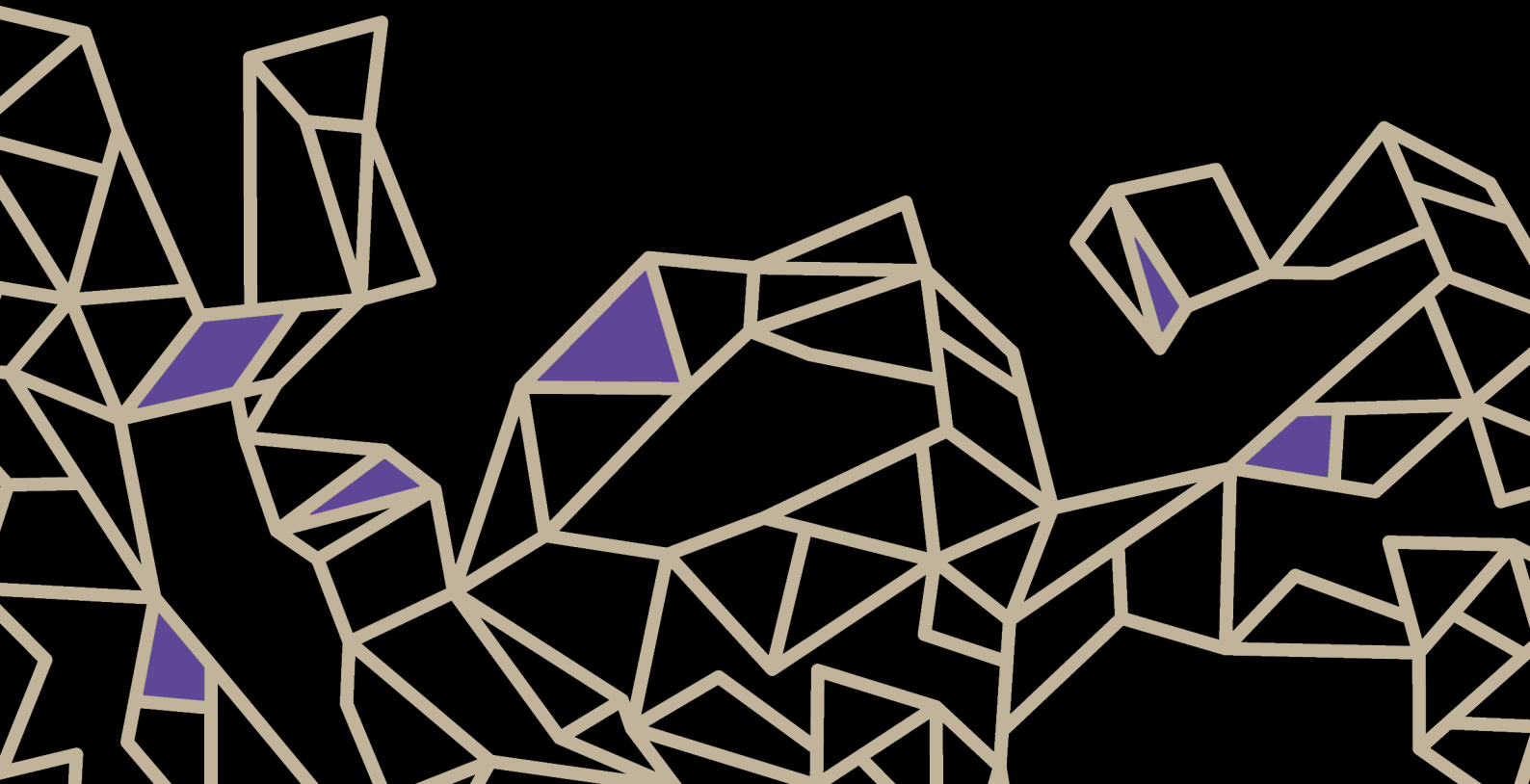


sala preta
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v16i1p1-4

EDITORIAL

Luiz Fernando Ramos
Sílvia Fernandes



A prospecção proposta pela revista *Sala Preta* nas raízes da cena contemporânea, que entrelaça formas performativas ancestrais em novos contextos históricos e sociais, resultou em um conjunto de artigos que, de diversas perspectivas, confirmam o fulgor que uma noção expandida da estética teatral permite entrever nessa matéria.

O dossiê nuclear da presente edição é encabeçado pelo precioso ensaio de um dos grandes artistas latino-americanos vivo, o peruano Miguel Rúbio, criador e mantenedor do grupo Yuyachkani nos últimos quarenta e cinco anos. Pesquisador generoso e cúmplice da sábia simplicidade de culturas atávicas ao nosso continente sul-americano, ele apresenta um relato detalhado da festa da Virgem de Paucartambo, na região andina do Peru. Mais do que uma descrição etnográfica, Rúbio nos oferece sua leitura meticulosa dos aspectos semióticos e performativos daquela celebração anual. Também a correlaciona com a tradição das festas populares andinas e outras manifestações teatrais da contemporaneidade. Um ensaio fotográfico de Pilar Pedraza complementa o artigo, trazendo aos olhos do leitor a imensa riqueza plástica e visual daquela festa.

Maria Calixto Marques e Tatiane Oliveira Silva, focadas no congado moçambiqueiro de Uberlândia, no triângulo mineiro, revelam um rito festivo não menos sincrético que o de Paucartambo, mas com suas especificidades corporais, musicais e sociais, vincadas sobretudo na cultura afro-brasileira.

Também hegemonicamente negra é a cultura do samba, fundada nas favelas dos morros da cidade do Rio de Janeiro. Entre estas, a comunidade da Estação Primeira de Mangueira, escola de samba mítica sediada no morro da Mangueira, é examinada de modo ao mesmo tempo aderido e distanciado por Carlos Eduardo Silva. O pesquisador parte do desfile vitorioso da escola no carnaval de 2016, para discutir aquela performance no sambódromo como instância restauradora de tradições.

Outra arte cênica tradicional, o circo, é tratada por Carolina Hamanaka Mandell na perspectiva performativa. Admitindo que o âmbito conceitual da performance nem sempre se deixa aproximar das práticas circenses, a pesquisadora propõe diálogos produtivos entre esses campos apartados a partir das categorias da resistência, do nomadismo e do risco.

Em outra chave de cruzamento entre cultura erudita e cultura popular, a da memória, a pesquisadora e artista consagrada da dança brasileira Célia Gouvea discute a ancestralidade. Ela a percebe como veia fértil para vitalizar parâmetros críticos, contrapondo aos conceitos a memória inscrita nos corpos e assim evitando a dicotomia entre centro e periferia.

Encerra o dossiê sobre as performatividades originárias a colaboração de Jorge Graça Veloso, dando conta de formas sagradas e coletivas que se engendram geográfica e animicamente em Brasília e em seu entorno. A partir do olhar da Etnocologia, mas sintetizando também as investigações de uma vida voltada para os fenômenos vivos da cultura popular brasileira, Veloso projeta no espaço mítico do Distrito Federal uma compreensão abrangente e esclarecedora de várias manifestações.

Na sessão Sala Aberta, dois blocos se organizam tematicamente de forma natural. O primeiro reúne quatro artigos de alta densidade teórica.

Ivan Delmanto investe seu aparato crítico contra o que seria uma teoria da performance no Brasil. O pesquisador percebe uma singular dialética trágica entre ideias importadas em circunstâncias históricas muito contraditórias e manifestações teatrais fraturadas. De algum modo, o caráter dilacerado das obras geradas nesse contexto “trágico” corresponde ao estado precário do tecido social em que emergem.

Elisa Belém se detém sobre a cena brasileira numa outra perspectiva. Preocupada em pensar sobre as fronteiras entre as criações literárias e cênicas e o pensamento crítico, propõe descolonizá-lo, bem como às subjetividades, na busca não só de encontrar outros saberes capazes de constituir teoria, mas também de propiciar jogos criativos.

Edelcio Mostaço empresta erudição e agudeza crítica para rever negativamente um dos livros mais canônicos dos estudos teatrais da segunda metade do século XX, *Teoria do Drama Moderno*, de Peter Szondi. Segundo o pesquisador, há incongruências argumentativas na obra que merecem ser apontadas, bem como ser esclarecido o caráter profundamente idealista que ali subjaz, devido à influência da estética hegeliana sobre o autor.

A concluir esse primeiro bloco de reflexões verticais, a pesquisadora e atriz Lúcia Romano especula de forma percuciente sobre a tradição de Stanislavski no Brasil. O ponto de partida é a montagem, da qual participou como

protagonista, do espetáculo *Pais e Filhos*, em que a Cia Mundana trabalhou em processo colaborativo com o encenador russo Adolf Shapiro. A análise, numa perspectiva antropológica, pensa a herança stanislavskiana no país a partir das questões interculturais.

O segundo bloco da **Sala Aberta** reúne dois artigos que dialogam indiretamente, ainda que sejam feitos em perspectivas distintas.

Gustavo Guenzburger pondera sobre a intersecção de questões socioeconômicas e estéticas no teatro carioca contemporâneo. Este foco fechado esmiúça as resultantes estéticas de uma dinâmica de produção movida a patrocínio e vizinhança estreita com a televisão, que caracterizaria um “novo espírito teatral carioca”, no qual se combinam experimentalismo e empreendedorismo.

O objeto do instigante artigo de Manoel Silvestre Friques, um eventual “mercado teatral brasileiro”, propõe uma discussão que tangencia com a do artigo anterior, mas apanhando o problema com um olhar bem mais ampliado. O pesquisador, em desafio aos tabus do circuito teatral em pensar questões do mercado e munido de dados oficiais sobre o financiamento público ao teatro no país, disseca o panorama existente e esboça um possível perfil econômico da produção teatral brasileira.

Encerra essa edição uma resenha de Sayonara Pereira, reportando recente espetáculo de Susane Linke, *Nemnokna*, assistido pela pesquisadora em Berlim. Criação da artista com a companhia alemã Ensemble do Trier Theater, o espetáculo, apresentado oportunamente em tempos de fratura exposta europeia, trata dos atos de chegar, apresentar-se e reconhecer-se em lugares outros, estranhos. Pereira analisa a dramaturgia de corpo autoral de Linke e traça relações entre seu trabalho e a German Dance do início do século XX.

Eis o novo número da Sala Preta. Boa leitura!

Luiz Fernando Ramos
Sílvia Fernandes